

ARTE DA LINGUAGEM EM OBRA-AULA: PROCEDIMENTOS E CRIAÇÃO DE UMA ARTISTAGEM DOCENTE

THIAGO HEINEMANN RODEGHIERO¹; CARLA GONÇALVES RODRIGUES²

¹ Mestrando PPGE UFPel – thiagoalfa@gmail.com

² Docente PPGE UFPel – cgrm@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa investiga a arte da linguagem através das Filosofias da Diferença (DELEUZE; GUATTARI, 2010), da produção artística de uma Prática Poética do Banal e da educação. É justificada pelo fato da arte e docência estarem usualmente presas a valores estéticos, modelos representacionais, técnicos e significados pré-determinados que despotencializam singularizações e transformações dos seus fazeres. Tem por objetivo buscar os processos do artista-pesquisador-professor movidos pelos mecanismos de linguagem menor (DELEUZE; GUATTARI, 2015), colocados em relação às atividades de artistagem docente (CORAZZA, 2013) na criação de uma obra-aula.

2. METODOLOGIA

Diante do caos, um recorte é necessário para formar um pensamento. Um plano de consistência (DELEUZE; GUATTARI, 2011) é um espaço possível a ser povoado por novos afetos. Contagiado e desorganizado, segue uma orientação que estabelece aproximações com as matérias justapondo-as: cria algo novo. Um espaço para conceitos atingirem sua potência, operando afinidades e movendo a lugares ainda não habitados.

Enquanto procedimento, é traçado um plano para uma obra-aula. Adota-se uma abordagem teórica acerca das matérias selecionadas, compondo com ações artísticas feitas pelo pesquisador (Prática Poética do Banal), a artistagem docente (CORAZZA, 2013) e uma linguagem menor (DELEUZE; GUATTARI, 2015) que engendram processos e novos contornos a uma obra-aula.

A Prática Poética do Banal se constitui como uma tentativa de mostrar um mundo menos visto à superfície: uma linguagem menor de artista. Assim a docência é pensada por devires encontrados nas fronteiras com esses fazeres. Buscando referência em Kazimir Malevich, Marcel Duchamp e Allan Kaprow, a produção é convocada a criar por dentro dos ressecamentos estruturais da arte potências para a educação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Colocando em relação os artistas referentes com a Prática Poética do Banal, consegue-se vislumbrar uma linguagem menor em formação. A partir das não-formas de Malevich (GIL, 2010), uma sintaxe gramatical é propiciada pela sensação, ganhando forma e dando força à formulação de um pensamento que entrega a responsabilidade de experimentação da obra ao público, livre de explicações e representações.

Duchamp (PAZ, 2014), por sua vez, com pouca produção material (um contrassenso a sua contemporaneidade) muito inventou, jogando um novo olhar sobre as obras, forçando-as a irem além do que a visão pode mostrar. O artista

imerge em uma arte-ideia e concebe uma linguagem que se movimenta pelo fazer: uma obra-ideia. Ao colocar mais do que técnica, as práticas de artista deslocam as certezas e inserem uma pergunta à arte: até que ponto é compromisso do criador a criação?

Alan Kaprow (KAPROW, 2003, 2004) constrói uma proposição que, também, nos põe a pensar sobre a questão acima ao integrar o espaço e elementos que envolvem o espectador coletivamente na obra. Um fazer junto colocado pela sensação em funcionamento, com procedimentos que incentivam os participantes de suas atividades a construir uma linguagem própria da ação que se move por dentro. Elas transportam os envolvidos para onde não se é esperado, uma fuga dos cânones do que é arte, encontrando nas experimentações um porvir no emprego dessas matérias.

Estes artistas viabilizam vazamentos das formas dadas e instituídas da arte. Os conceitos de sensação, obra-ideia e fazer junto agenciam um pensamento que levam a Prática Poética do Banal a criar procedimentos não limitados a fiscalidades de obras. Deste modo, as ações encontram uma linguagem menor, desencadeando paixões capazes de reterritorializar em novas formas (DELEUZE; GUATTARI, 2011), dispensando cópias e modelos pré-estabelecidos. Logo, emerge a questão: o que a arte tem a ensinar à educação no que tange a uma obra-aula?

Assim, a prática artística que o pesquisador desenvolve é uma poética alimentada por uma atenção ao fazer que cria afectos e perceptos (DELEUZE; GUATTARI, 2010) nos procedimentos e experimentações em espaços e expressões diversos. As sensações entram como potência criadora, orientada por encontros ocasionados com o outro (artista, referência, conceito ou autor) e pelos movimentos do que ainda não está dito. Através de seus dois momentos-procedimentos-obra – *Ob.so.les.cên.ci.a* (RODEGHIERO, 2017) e *Pequeno Território* (RODEGHIERO, 2016) – engendram-se desterritorializações e reterritorializações numa linguagem de artista em formação capaz de emitir signos à composição de uma aula.

Uma obra-aula encontra, portanto, um devir-artista e este “não é uma imitação, nem uma assimilação, mas uma dupla captura” (DELEUZE; PARNET, 1988, p. 66). Convocada a ser esta fluência, percorre lugares sem se fixar, encontra zonas de intensidade que captam singularidades das matérias (CORAZZA, 2013). A Prática Poética do Banal vê nessas forças não paralelas usos menores para sua linguagem: sem uma preocupação de ser algo definitivo. As transformações são uma possibilidade de sair do padrão já significado (tanto da arte quanto da educação). São formas de criação que libertam as estruturas aprisionadas. Se tornam possíveis pelas desterritorializações que desaprisionam o homem dos regimes significantes enrijecedores (DELEUZE; GUATTARI, 2011), colocando em prática para engendar novos jogos às variáveis pragmáticas.

O conceito de minoridade é articulado nessas transformações: um uso que pede passagem por dentro dos moldes hegemônicos. Segundo Deleuze e Guattari (2015), possui três características essenciais: ela não é feita por protagonistas, é a impossibilidade de fazer e acima de tudo a impossibilidade de não fazer; um uso político que propicia que os casos individuais sejam vistos como num microscópio, discutindo os conflitos internos por eles mesmos, dando luz aos porões das estruturas; convoca uma coletividade, chamando os que faltam para dispensar os sujeitos coletivos dos enunciados.

A artistagem docente oportuniza devires-artista ao público-educando e convoca um professor simulacro (CORAZZA, 2013) a romper com as regras estabelecidas dos modelos educacionais estruturantes e representacionais

(responsáveis pelos padrões de boa e má educação). Propiciando novos contornos e encontros – além de meros instrumentos a serem feitos tal qual – não descobrem na representação suas certezas, mas deparam-se com um ambiente a ser experimentado, com matérias estranhas e divergentes que se cruzam: uma obra-aula que não necessita de modelos, mas de força para romper com os padrões.

Um professor-simulacro evita se referenciar a modelos de bom professorado, ou a fórmulas que impeçam a criação, mas pode (e ainda tem essa liberdade) correr por fora dos corpos programados, evitando caminhos já orientados e sem responder as perguntas já dadas (CORAZZA, 2013). Uma saída é pelo devir, um estado de corpo não análogo marcado por acontecimentos – um desdobramento da diferença – deixando-o entrar numa zona de vizinhança com forças encontradas e transformando-se nas relações com elas (DELEUZE; GUATTARI, 2011). Nessa perspectiva, talvez existam na obra-aula condições de possibilidade para criar rupturas nos fluxos que deixam jorrar e escapar o desejo condicionado a padrões, fazendo-o esvair para fora das estruturas. Propiciar, mesmo que inconcluso, um processo artista-pesquisador-professor que se orienta pelas intensidades e faz com que novos modos de existência sejam possíveis.

4. CONCLUSÕES

A arte possibilita experimentações no mundo, é uma tentativa de agitar as significações já estabelecidas. Ao pensar sobre as zonas de aproximação do fazer de artista com a artistagem docente, esta pesquisa mostra as possibilidades de fuga dos moldes representacionais. Ao aproximar esses campos, novas invenções interagem e geram fagulhas propícias à criação pelos encontros que se mostram.

As estruturas significantes que saturam e engessam as potências de vida e impossibilitam processos de modificação são postas de lado para favorecer o surgimento de transformações que colocam em movimento pensamentos parados e banalizados. Para tanto, é necessário construir consistências em novos contornos, convocando um povo ainda por vir (DELEUZE; GUATTARI, 2010) para experienciar outras perspectivas de educação colocadas em força de criação pela arte.

Portanto, o devir não mistura as matérias em sobreposições – que sufocariam as inovações – e sim as transformam por justaposição (não hierárquica e desordenada), que respeita um rigor e orientação das novas formas através de uma obra-aula. Capturando as singularidades pelas zonas de vizinhança, os fazeres em arte propiciam à educação potências e paixões criadoras de novos territórios, expressos em obra-aula.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORAZZA, Sandra Mara. Para artistar a educação: sem ensaio não há inspiração. In: _____. **O que se transcrita em educação?**. Porto Alegre: UFRGS; Doisa, 2013. Cap.1, p.17-40.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?**. São Paulo: Editora 34, 2010.
- _____. **Mil platôs**. Capitalismo e esquizofrenia 2. vol. 2. São Paulo: Editora 34, 2011.
- _____. **Kafka**: por uma literatura menor. Tradução: Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **O abecedário de Gilles Deleuze**: transcrição integral do vídeo, para fins exclusivamente didáticos. Paris: Éditions Montparnasse, 1988.
- GIL, J. **A arte como linguagem**. A última lição. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2010.
- KAPROW, A. A educação do An-artista parte I. **Concinnitas** – Revista do Instituto de Artes da UERJ, Rio de Janeiro, ano 4, n. 4, p. 216-227, mar. 2003.
- _____. A educação do An-Artista. Parte II. **Concinnitas** - Revista do Instituto de Artes da UERJ. Rio de Janeiro, ano 5, n. 6, p. 167-181, julho 2004.
- PAZ, O. **Marcel Duchamp**, ou, O castelo da pureza. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- RODEGHIERO, T. **Pequeno território**. 2016. Série fotográfica e audiovisual.
- RODEGHIERO, T. **Ob.so.les.cên.ci.a.** 2017. Série fotográfica e audiovisual.